

A PRODUÇÃO DE SENTIDOS À TATUAGEM DA BANDEIRA DO RS

NAIARA SOUZA DA SILVA¹; STELLA APARECIDA LEITE LIMA²; ERCÍLIA ANA CAZARIN³

¹ Universidade Católica de Pelotas – naiaraa_souza@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – staple_li@hotmail.com

³ Universidade Católica de Pelotas – eacazarin@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho resulta do interesse em analisar a tatuagem da bandeira do estado do Rio Grande do Sul, que discursivamente se materializa no corpo de um sujeito e, os possíveis efeitos de sentido que dela emergem. Acreditamos importante explicar que este texto se fundamenta numa teoria interpretativa de cunho linguístico e histórico, dotada de uma teoria da subjetividade, de natureza psicanalítica, trata-se, então, da Análise de Discurso (AD), de filiação pecheuxiana. Feito esse registro, esclarecemos que nessa perspectiva teórica não fazemos a interpretação do sentido da tatuagem, tal como uma teoria positivista faria. Na AD, compreendemos que os sentidos não são vinculados a sua literalidade e toda interpretação é um gesto, ou seja, uma possibilidade de leitura dentre outras possíveis.

Assim, dando continuidade no texto, partimos de considerações de Pêcheux (1988/2009), utilizando-nos dos pressupostos lacanianos, sobre a noção de significante e a deslocamos para o nosso objeto de estudo, entendendo a tatuagem como um significante que representa o sujeito para outro significante, o sujeito. Nas próprias palavras do autor, “daquilo que representa o sujeito para outro significante” (PÊCHEUX, 1988/2009, p. 143). Nessa perspectiva, compreendemos que a tatuagem, enquanto portadora de discursividade, ao representar o sujeito, significa produzindo sentidos.

Nessa ótica, entendemos que a tatuagem deve ser compreendida como um texto, ou seja, uma materialidade discursiva na qual o sentido não é dado de antemão. Entendemos, conforme a leitura do trabalho de Silva (2014), as tatuagens são gestos de diferentes sentidos materializados no corpo de sujeitos. Assim sendo, compreendemos que os sentidos não estão unicamente no desenho/imagem que a tatuagem representa, mas se constituem segundo as condições de produção e a memória discursiva que o sujeito mobiliza quando do gesto de se tatuar.

Nesse contexto, centra-se a questão norteadora do presente estudo: como o interdiscurso, a memória discursiva, atua na produção de sentidos do texto em pauta – a *tattoo* da bandeira do RS? Para entender esse funcionamento discursivo, ancoradas no trabalho de Courtine (1981/2009), lançamos mão da memória discursiva, enquanto categoria de análise.

Para tanto, buscamos, também, em alguns pressupostos teóricos da AD o respaldo fundamental para trabalhar os efeitos de sentido produzidos pela tatuagem, na medida em que consideramos que esta ciência interpretativa “visa à compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos” (ORLANDI, 2012, p. 26).

2. METODOLOGIA

Tratando-se da metodologia, neste trabalho, tal como já nos referimos anteriormente, ancoradas na AD, faremos uso do dispositivo que permite uma leitura, através da qual podemos compreender os processos de identificação dos sujeitos e suas filiações de sentidos, ou seja, pretendemos descrever a relação dos sujeitos com

a sua memória discursiva ao ler/interpretar a tatuagem da bandeira do RS. Nessa missão, descrição e interpretação se inter-relacionam. Para tanto, partimos da compreensão dos conceitos de memória discursiva, memória social, lugar de memória e efeito de memória a fim de atendermos a questão norteadora do presente estudo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O objeto que nos despertou interesse à análise, refere-se à tatuagem da bandeira do RS materializada no corpo de um sujeito. Este texto imagético foi selecionado a partir da observação de *tattoos* com desenhos de bandeiras contidas no site de rede social *Facebook*. E a partir da *tattoo* selecionada, procuramos compreender que efeitos de sentido a mesma pode produzir nas condições de produção atuais.

Para a AD, segundo os trabalhos de Ferreira M. C. L. (2013), o corpo é concebido como um dispositivo de visualização, como modo de ver o sujeito, suas condições de produção, sua historicidade e a cultura que o constitui. Nas palavras da autora, “trata-se do corpo que olha e que se expõe ao olhar do outro. O corpo intangível, e o corpo que se deixa manipular. O corpo como lugar do visível e do invisível” (p.105).

Nessa perspectiva, compreendemos que o sujeito se identifica com o seu corpo para significar tal como ele se identifica com a língua para enunciar. Assim, na textualização do corpo, por meio da tatuagem, o sujeito registra na pele o seu desejo, a sua interpretação e a sua interpelação. Sobre isso, Abreu (2013) escreve que “a pele se transforma em texto em uma junção de linguagens – palavras, imagens, cores, que ganham estatuto na história” (p.143).

Como exemplo dessa textualização, segue, abaixo, o objeto em pauta:



Figura 1 – Tatuagem da bandeira do RS. Fonte: Disponível em: <www.facebook.com>. Foto tirada em: 05 de julho de 2015.

Nesse texto, o primeiro ponto que levantamos à análise diz respeito ao estranhamento que tivemos ao observar a diferença entre a bandeira apresentada pelo sujeito tatuado e a bandeira atual do Estado do Rio Grande do Sul. Para nós, surge aí um elemento da ordem do inesperado, conforme trabalha Ernst-Pereira (2009), pois esta tatuagem foi materializada no corpo do sujeito no contexto sócio-histórico da contemporaneidade.

Sendo assim, o esperado seria encontrarmos outro desenho, na medida em que as condições de produção em que o sujeito tatuado está inscrito referem-se à contemporaneidade. Dito de outra forma, mesmo reconhecendo que as cores utilizadas pelo referido sujeito remetam as cores que representam o Estado, a imagem não condiz com a da época em que esta *tattoo* foi materializada, ou seja, não é a bandeira oficial do RS do século XXI.

Feito esse registro, chamamos a atenção para a possibilidade de efeitos de sentido produzidos pela *tattoo* materializada no corpo deste sujeito. Considerando que sentidos podem ser sempre outros, o que não significa que eles possam ser qualquer

um nem que todas as interpretações sejam equivalentes, questionamos como a memória discursiva atua na produção de sentidos na leitura da tatuagem?

Na AD, a noção de memória discursiva se diferencia de toda memorização psicológica. Nessa perspectiva teórica, entendemos que a memória discursiva diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas, que, por sua vez, materializam a ideologia de sujeitos, inscritos em distintas formações discursivas.

Nesse viés, partimos por considerar a memória institucional, ou seja, aquela que estabiliza e cristaliza os sentidos (cf. ORLANDI, 2012, p.10), perpassada por um órgão estatal denominado Museu, mais precisamente, tratamos do Museu Histórico Farroupilha da cidade de Piratini. Neste local, o sentido produzido à mesma imagem da bandeira utilizada pelo sujeito tatuado é de que ela representaria os revolucionários separatistas durante a Guerra dos Farrapos. Trata-se de uma bandeira dividida em 3 cores, que imaginariamente simbolizam respectivamente o verde e amarelo da bandeira imperialista da época, com o vermelho ao centro, representando assim, a cor do sangue daqueles que lutavam em busca da liberdade da província. Nesse acervo histórico, há uma réplica da referida bandeira, e como contam os historiadores, ela foi utilizada em inúmeras batalhas pelos gaúchos, tanto em combates durante a revolução quantos após o seu término, como na guerra do Paraguai. Assim, são esses efeitos de sentido que emergem do interdiscurso e que pela categoria da memória, podemos recuperar.

Ao mesmo tempo, que reconstituímos tal sentido, temos ainda a memória constituída pelo esquecimento que “é o que torna possível o diferente, a ruptura, o outro” (ORLANDI, 2012, p. 10). Nessa instância, recorremos aos estudos de Cazarin (2010) e de Indursky (2011) para compreendermos esse funcionamento da memória. Se bem lemos os textos, segundo a primeira autora mencionada, a memória é “lacunar e seletiva porque, na sua mobilização, joga ou atua a posição-sujeito” (CAZARIN, 2010, p. 106). E de acordo com a segunda, a memória “não é plena, não é saturada, pois nem todos os sentidos estão autorizados ideologicamente a ressoar” (INDURSKY, 2011, p. 87).

Nesse ínterim, refletimos sobre a diferença entre o memorável, influenciado pela memória institucional que é da ordem social, e a memória discursiva que é da ordem ideológica, relacionada a posição-sujeito. Nessa teia discursiva, emergem, também, sentidos relacionados às cores da bandeira como, por exemplo, o amarelo representando ilusoriamente o ouro, e o verde representando as matas, as florestas.

Essas diferentes possibilidades de leituras existem em função das posições-sujeitos em jogo no processo discursivo em que a memória discursiva atua na produção de sentidos da tatuagem em pauta. No caso do sujeito tatuado, podemos pensar numa repetibilidade desses discursos, mas também podemos pensar em outro discurso que circula na região sul, o discurso ufanista. A partir do esquecimento do sentido atribuído pelo aparelho ideológico, o Museu, o sujeito (re)significa a bandeira, tatuando em seu corpo a imagem num possível sentido de amor pelo Estado, de dar visibilidade ao seu amor e seu orgulho por/de ser gaúcho.

Como vimos ao longo do texto, a produção de sentidos à tatuagem da bandeira do RS, tanto pode se dar em função da repetibilidade quanto pela instauração de novos sentidos, sempre levando em conta que os discursos que constituem os sentidos à *tattoo* e que circulam na sociedade, são efeitos de memória.

4. CONCLUSÕES

Em suma, as possibilidades de produção de sentidos à tatuagem da bandeira do RS ressoam ecos de uma memória. Ou seja, de um lado temos a regularização de

sentidos, promovidos pelo Museu, enquanto lugar de memória e, de outro, temos um sentido por nós produzido pela memória discursiva enquanto categoria de análise.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Ana Silva Couto de. Corpo e linguagem – uma relação constitutiva. In: **Políticas de autoria**. São Carlos: EduFSCar, 2013.

CAZARIN, Ercília. Gestos interpretativos na configuração metodológica de uma FD. In: **Organon**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras. Porto Alegre. v. 24, n. 48, 2010.

COURTINE, Jean- Jacques. **Análise do discurso Político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, 1981/2009.

ERNST-PEREIRA, Aracy. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do corpus discursivo. In: **IV Seminário de Estudos em Análise do Discurso: 1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso – IV SEAD**, 10 a 13 de nov., 2009. Porto Alegre. Anais do evento, 2009.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O Corpo enquanto objeto discursivo. In: **Análise do Discurso em perspectiva**: teoria, método e análise. Organizadoras: Verli Petri e Cristiane Dias. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013.

INDURSKY, Freda. A memória na ceda do discurso. In: **Memória e história na/da Análise de Discurso**. Organizadoras: Freda Indursky, Solange Mittmann e Maria Cristina Leandro Ferreira. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 10. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica a afirmação do óbvio. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1988/ 2009.

SILVA, Naiara. **Tatuagens**: sujeitos e sentidos. 2014. 153f. Dissertação de mestrado. Universidade Católica de Pelotas – UCPEL. Pelotas, dez., 2014.